

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

A censura à imprensa é a pior arma existente contra o governo

ANUNCIOS

Exceptionalmente A BATALHA passa a receber anúncios para a 1.ª página a preços e a condições especiais, não se obrigando a publicá-los em dias determinados, mas sómente quando tiver espaço.

A Administração

Passamos adiante - enojados, e ainda porque não queremos arrançar a este artigo a linha da serena elevação que resolvemos traçar-lhe. Havemos de exprimir a nossa indignação - sem recorrermos a uma ironia vingadora e a epítetos guerreiros e justicieros.

A censura à imprensa é uma arma perigosa que atinge especialmente aqueles que com ela se julgam beneficiados. É uma arma, sem efeitos práticos, visto que a coacção só vinga quando o coagido só encontra a seu lado uma sociedade humana composta exclusivamente de escravos e de cobardes. Fazemos justiça à população: esta não nasceu para ser atrelada ao carro dos vencedores e para ser torturada por uma ditadura, sem discutir as razões porque lhe manietam os movimentos e lhe tapam a boca com uma mordaca.

A imprensa, hoje, não constitui uma trombeta cujo som seja potente a ponto de erguer, de norte a sul, a consciência dum paiz. A imprensa não convence, esclarece, ilumina mas não agita. Com a censura a discordância deixa de existir à luz do sol para se dissimular na escuridão da noite - nesta altura a divergência chama-se descontentamento e o descontentamento partilha a revolta.

O governo, que, actualmente, no Terreiro do Paço afirma que a salvação do paiz se faz em menos tempo do que o movimento de translação da terra em volta do sol, estabeleciondo aquela medida recusa-se a ouvir uma voz que é experimentada, uma voz que é sempre a voz da multidão. Jornal que se cala, povo que emudece. E como o acordo não se forma pelo silêncio - o governo, estabeleciondo a censura, afastou-se do paiz, criou um divórcio que será mais profundo à medida que os dias forem decorrendo. Esse divórcio traz aquelas consequências severas.

COISAS DA NOSSA TERRA

Seiscentas pessoas estão sendo diariamente prejudicadas com o irregular serviço de comboios entre Lisboa e Sacavém

Várias vezes nos temos referido à irregularidade do serviço de comboios entre Lisboa e Sacavém sem que providências sejam tomadas por quem de direito.

A administração da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, ao invés do que seria legítimo esperar, tem feito ouvidos de mercador e a irregularidade persiste com todas as suas inconvenientes consequências.

Em nosso poder estão bastantes cartas de operários, empregados no comércio, funcionários públicos que moram nas localidades servidas por aquele comboio, cartas que reclamam provisões contra os prejuízos que está causando a irregularidade do serviço de comboios entre Lisboa e Sacavém.

Opera é bom que se saiba que os prejudicados com o atraso dos comboios atingem a cifra de 600.

Só seiscentas pessoas que diariamente sofrem um enorme prejuízo com a chegada tardia dos comboios.

O comboio da manhã, procedente de Sacavém, que devia entrar nas agulhas da estação do Rossio ás 8,5 horas, continua a chegar ao seu terminus ás 9,30 horas.

Como uma parte dos passageiros tem que começar nas suas ocupações ás 9 horas, sucede que o atraso do referido comboio determina a perda de uma parte do dia.

Já clamámos contra este atraso em dois ecos e provisões apenas foram tomadas durante dois dias. Os comboios voltaram a chegar com atraso e para os passageiros regressou o mesmo martírio.

A administração da C. P. também tem sido endereçadas reclamações sem que ela se resolva a tomar providências.

A indignação é tanto ou mais legítima quanto é certo saber-se que na linha de Sintra não se notam as mesmas irregularidades.

Será por a linha de Sintra não ser tão assediada por operários e gente de trabalho?

Se é assim o caso torna-se mais revoltante. Não há o direito de estar a prejudicar os passageiros de uma linha só porque a sua estirpe não é igual à dos administradores da C. P.

Mas há mais. No passado domingo principiou a vigorar o novo horário de comboios. Por ele foi suprimido o comboio que saiu do Rossio com destino á Azambuja, ás 19,27 horas. Em sua substituição

Abriu-se o Parlamento no Egito

CAIRO, 23. - Discursando na sessão de abertura do novo parlamento, o rei Fouad anunciou que o Egito pedirá em Setembro a sua admissão na Sociedade das Nações.

Este facto constitui uma vitória dos zanguilhos, que não deve encontrar apoio por parte da Inglaterra. - L.

Ler a revista gráfica RENOVACAO

PELOS HOSPITAIS CIVIS

A Reforma Lobo Alves estabeleceu uma perfeita desarmonia entre as funções do director geral e criou para os pobres escriturários uma situação de inferioridade

que a história assinala nas suas páginas menos serenas e menos monotonas.

Os jornais só publicarão aquilo que o governo entender que eles publiquem. E o público, o público que procura no jornal, principalmente, o facto, enverga-se quando a sua curiosidade é vencida, é ludibriada por um espaço em branco.

Nesse espaço em branco - o público supõe sempre uma ignomina, julga ver sempre um crime e conclui logo, inevitavelmente, que o governo pratica cotidianamente actos ignominiosos e criminosos.

O crâneo do legislador tem um cartaz - e a imprensa é esse cartaz. Suprimida a matéria do jornal pela censura o crâneo do legislador torna-se suspeito - mais suspeito do que um antro, mais asqueroso do que uma alforja.

A censura vem num momento em que ela pode ser mais perigosa e nefasta para o governo, vem no momento em que as garnições militares de Vila Real, Amarante, Chaves e Bragança, passando por sobre o ministério da Guerra, apelam para o exército, no sentido deste afirmar a sua disposição de se bater pela república. O público anseia conhecer os resultados dessa resposta - e

e nesse momento que a censura estende sobre ela o seu manto negro. Dianete dos espaços em branco ele faz as suas reflexões - e cada uma delas será condenatória da situação predominante que resultou não dum luta, mas da abdicação total dum exército que julgou desnecessário bater-se, por razões que os acontecimentos, cedo ou tarde, não explicar, com suficiente clareza.

A testa dos estadistas vai ser um cartaz onde aparecerão impressas as frases cruéis dessa voz anónima dum povo que viu a verdade suprimida por umas entidades fardadas cuja existência é, pagando pesados impostos, alimenta. E quem sabe se a voz que murmurava através do país, transmitida rapidamente, não será mais perigosa que a voz dos jornais - folhas ligeiras que se leem numa hora e outra basta para serem esquecidas.

Por essa Reforma a superintendência de todos os serviços gerais e especiais está cometida a uma entidade oficial que se denomina Director dos Hospitais Civis de Lisboa, entidade nomeada pelo governo, sob proposta do corpo clínico hospitalar, precedida de eleição que é feita em lista tríplice e recaiu em clínicos dos hospitais.

O director dos hospitais que serve durante o espaço de cinco anos, superintendente em todos os serviços hospitalares, técnicos e administrativos, fiscalizando a sua execução.

Junto à Direcção Geral e sob os auspícios do respectivo director funciona um corpo consultivo, denominado Conselho Técnico dos Hospitais a quem compete dar parecer acerca dos assuntos sobre que seja consultado e em especial sobre a alteração, criação ou aperfeiçoamento dos serviços de hospitalização e provisões excepcionais a adoptar em circunstâncias anormais.

Esse mesmo Conselho tem também a incumbência de dar parecer sobre os regulamentos dos serviços hospitalares, propondo-lhes as emendas que julgue convenientes, e indica ou propõe as instruções que resultam necessárias ao exato cumprimento dos mesmos regulamentos.

O Conselho Técnico compõe-se do director geral dos hospitais, que é o presidente, por cinco vogais médicos eleitos, dos quais três são directores de serviços clínicos, um assistente de serviços clínicos, e um director de serviços laboratoriais ou de agentes físicos, e o secretário da direcção dos hospitais.

A completar esta enorme rede burocrática temos ainda um Conselho Administrativo que o director dos hospitais consulta sempre que lhe aprouver, sobre assuntos de natureza exclusivamente administrativa.

A mecanica do Conselho Administrativo está assim constituída: pelos chefes da 1.ª e 2.ª Repartição da Secretaria, pelo director dos serviços farmacêuticos, económico e engenheiro chefe dos serviços industriais.

Da complexidade desta engrenagem resultam graves inconvenientes para os serviços hospitalares. Vejamos os principais.

O director geral dos hospitais tem que intervir em toda a vida hospitalar: técnica e administrativa.

Em boa doutrina e melhor censo prático o director dos hospitais apenas deveria dirigir os serviços clínicos, já por si suficiente para lhe absorverem todo o tempo.

Mas há muito melhor. Hoje, porém, ficamos por aqui para não magarmos o leitor.

Um tratado de comércio

BELGRADO, 23. - No ministério dos Negócios Estrangeiros foi assinado o tratado comercial e as convenções consulares de extradição alban-jugoslavo. - L.

Biblioteca de Instrução Profissional

Manuals de ofícios

Galvanoplastia 18\$00
Motores de explosão 20\$00
Navegante 16\$00
Cimento armado 25\$00

Construção Civil

Acabamentos das construções 16\$00
Alvenaria e Cantaria 13\$00
Edifícios 13\$00
Encanamentos e salubridade das habitações 13\$00

Materiais de construção 20\$00

Terraplenagem, alferces 13\$00

Trabalhos de Carpintaria 16\$00

Diversas indústrias

Condutor de Máquinas 20\$00

Fogueiro 16\$00

Formador e estucador 12\$00

Fundidor 13\$00

Pilotagem 16\$00

Indústria alimentar 12\$00

Iadústria do vidro 12\$00

13\$00

15\$00

12\$00

13\$00

12\$00

12\$00

13\$00

13\$00

15\$00

25\$00

13\$00

13\$00

16\$00

12\$00

12\$00

13\$00

13\$00

13\$00

13\$00

13\$00

13\$00

13\$00

13\$00

13\$00

13\$00

13\$00

13\$00

13\$00

13\$00

13\$00

13\$00

13\$00

13\$00

13\$00

13\$00

13\$00

13\$00

13\$00

13\$00

13\$00

13\$00

13\$00

13\$00

13\$00

13\$00

13\$00

13\$00

13\$00

13\$00

13\$00

13\$00

13\$00

13\$00

13\$00

13\$00

13\$00

A supressão das Escolas Primárias Superiores revelam o odio dum reaccionário às classes trabalhadoras

A fúria de destruir existe em alto grau nos individuos que se apodem do Terreiro do Paço. O maior prazer, e nisso parece estar também a maior glória, consiste em deitar abaixo. Dessa obra só resultam rui-nas e prejuízos.

Foi o que aconteceu com as Escolas Primárias Superiores. Raro tem sido o estadista ou suposto estadista que não tenha tido a respeito delas uma atitude: suprimi-las. Essas criaturas, cuja principal cultura consiste, muitas vezes, nas conver-sações demolidoras de despeitados de *cafe*, que nada fazem, mas que cumulam de defeitos o que se tem realizado, ouviram dizer que as Escolas Primárias Superiores não correspondiam ao fim para que foram criadas; que havia, entre os seus professores, criaturas sem competência. Ouviram ainda dizer que alguns desses estabelecimentos de ensino não havia alunos. E daí veiu a preocupação absorvente que todos eles mostraram em suprimi-las, muito convencidos de que com isso prestavam um óptimo serviço ao paiz. E' bom também que se saiba que a alta burocração do ministério não tem nenhum apêgo às coisas de instrução e é com grande satisfação que apoiam qualquer medida destinada a suprimir as poucas possibilidades que as classes trabalhadoras têm de realizar uma educação que lhes é absolutamente necessária.

Ninguem, absolutamente ninguém ousou dizer ao reaccionarissimo ex-ministro da instrução, Mendes dos Remédios, que a única medida que havia a tomar sobre as Escolas Primárias Superiores consistia não na sua supressão, que seria um crime, mas na sua remodelação, que seria um benefício incontestável.

E o ministro por sua vez, como o sr. bispo de Coimbra, seu mentor espiritual, não mostrou o menor interesse pelas Escolas Primárias Superiores não esteve com meias medidas: deitou-as abaixo. Foi mais longe no seu rancor: ordenou que os edifícios onde elas estavam instaladas fossem, a partir de 30 do corrente, entregues aos senhorios. Esta decisão revela bem o receio que é tinha de que as Escolas ressurgessem e o desejo que possuía de as ver aniquiladas para sempre. A sua medida, além de iniqua foi revestida de fundo rancor—o rancor, que albergam todas as criaturas fonsilmente reaccionárias.

* * *

As Escolas Primárias Superiores que o sr. Mendes dos Remédios preferiu destruir em vez de remodelar, o que seria mais difícil mas mais proveitoso, não contam unicamente no estrangeiro, onde elas pululam há desenhas de anos, apaixonados defensores.

Em Portugal também os há. Alexandre Herculano as defendeu nos seus opúsculos: "A necessidade de o completar (ao ensino primário) sente-se por toda a parte, e o seu complemento está nas escolas superiores de ensino geral."

Defenderam-nas também os srs. Carneiro de Moura, António Sérgio e João de Barros, tendo este último até declarado que a República tinha fatalmente de as organizar com rapidez; e o professor da Universidade de Coimbra sr. Alves dos Santos também acentuou em termos persuasivos a necessidade da sua existência.

Possivelmente, estarão contra elas os reaccionários, tradicionais inimigos do ensino, e aqueles militares que julgam que o dinheiro dos contribuintes deve ir parar inteirinho à inútil parasitagem das casernas.

Um agradecimento à "Batalha" dos alunos das escolas de Júlio Denis e de António Nobre

PORTO, 22.—No dia 16 do corrente reuniram-se os alunos das E. P. S. de Júlio Denis e de António Nobre, desta cidade, tendo comparecido 78 alunos. Foi eleita uma Comissão de Defesa, em cuja presidência ficou a distinta aluna D. Vitorina da Silva Coutinho.

A assemblea aprovou um voto de agradecimento à Batalha, órgão dos humildes, pela forma como desassombradamente veio defendendo os interesses legítimos dos alunos desses estabelecimentos que nos países evitos têm sido o mais importante factor do levantamento do nível intelectual das classes populares.

Um político constitucional

VARSOVIA, 23.—O sr. Partel recebeu os chefes dos partidos da Dieta, declarando-lhes que se mantém partidário do sistema parlamentar, mas não concorda com a realização de novas eleições dentro de breve espaço de tempo. O sr. Partel insistiu na necessidade da rápida votação do orçamento das cidades à Constituição.

Os últimos acontecimentos

As guarnições de Vila Real, Chaves, Bragança, Amarante e Viana do Castelo manifestam-se pela República

PORTO, 22.—Não desaparece, por uma vez, a desquietude que lava nos espíritos. Quando se supõe que tudo vai entrar na normalidade da pacificação dos nervos políticos, volta a surgir o perigo das intenções monárquicas. A notícia descritiva da violenta manifestação integralista ocorrida; os boatos, que a imprensa eleva curioso, sobre as probabilidades de um movimento monárquico—vieram ainda alterar mais a feição intranquilizadora que se vêm afirmado numa parte da opinião pública, daquela opinião que mais a sério encara os acontecimentos e que mais perescrustantemente vê o perigo em que todos incorremos...

E' que se é certo que o estado-de-sítio já foi "levantado" nesta cidade, estando completamente livre o trânsito a toda hora do dia e da noite—não quer isso dizer que os reaccionários, erguidos o lábaro do "Pela Pátria e pelo Rei"—não estejam na esperteza cuidadosa das assomadas realistas. Ainda, entre nós, se grita cada vez mais ousadamente:—"Hesitar é suicidarmo-nos. Para viver, é preciso criar, pelo holocausto de todos, a Vida Nova, abençoada por Deus", para se impor, como no lozum dos principais turbilhos do incenso fascista do norte, "a civilização que representa a continuidade da Ordem humana obediente à ordem divina do Cristianismo"...

Sim, continua-se, numa desenvoltura de propaganda dissidente, a proclamar "que, frente à frente, se chocam, para a supremo batalha, as duas misticas, os dois impulsos, as duas forças maiores—a força da Reacção e a força da Liberdade.

No norte, pois, como no sul, o integralismo, os monárquicos mexem-se. Os piores cégos são aqueles que não querem ver. E como as guarnições militares de Vila Real, de Chaves, de Bragança e de Amarante se resolvem a não ser cegas, constituíram o anunciado pacto segundo o qual estão dispostos a:

"não estar ao lado de homens, mas de princípios"; "apoiar o governo que de cumprimento ao programa revolucionário da Junta de Salvaguarda Pública, mantendo com toda a sua pureza o regime Republicano Democrático, proclamado em 1910 e confirmado pela Assemblea Nacional Constituinte"; "no caso do governo se desviar dos princípios da deleza das Instituições Republicanas, actuar imediatamente e energeticamente pela força para serem rigorosamente mantidas as mesmas Instituições"...

Não se sabe, ao certo, qual a atitude da 3.ª divisão em face daquela declaração de princípios e de propósitos republicanos daquelas guarnições, que continuam no aliciamento de adesões militares aos seus pontos de vista. O que sabemos é que, a despeito do buzinado republicanismo do chefe da divisão e do chefe do distrito, estes estão a dar mostras da sua pouca democracia. Uma das provas está na proibição absoluta das reuniões que as Juventudes e Câmara Sindicais de Trabalho intentaram levar a cabo no domingo...

Agora pregunta-se: "seria mercê daquele pacto que em Viana, na praça da República, as respectivas tropas da guarnição, ao fazerem continência, a bandeira, soltaram entusiasmados vivas à República? Esta atitude da oficialidade, dos soldados, do povo conjuntamente vitoriam a República, não passou despercebida aqui: constituiu mesmo uma consolação.

No entanto, começa-se agora a compreender que tudo aquilo não basta para vencer totalmente as constantes ameaças da reacção. Esboçam-se censuras àquelas entidades republicanas e "livre-pensadeiras" que, na preocupação de se conservarem sentadas à mesa das pingues situações, abandonaram por completo a propaganda anti-clerical que desenvolviam anteriormente à abertura do restaurante político de um regime que conspurcaram com as suas immoralidades... A propaganda anti-clerical, anti-religiosa deixou, aparte aquela pléia de anarquistas e sindicalistas revolucionários, de interessar os republicanos e os pensadores da antiga Associação do Livre Pensamento. Deixaram campo livre ao clericalismo, que, metódica e persistentemente, continuou na sua envenenadora propaganda fanática e fetichista. Muitos, como A. José de Almeida, chegaram a pacar com elle...

Com um povo assim embrutecido por uma tenaz propaganda religiosa, não é para admirar estas constantes oscilações.

O remédio da moda

BERLIM, 23.—O chanceler Marx declarou que no caso de não ser possível chegar a acordo entre os partidos políticos sobre a regulamentação do pagamento das indemnizações a conceder às ex-familias reinantes, o Reichstag será dissolvido.—L.

AGREMIAÇÕES VARIAS

A Voz do Operário—Reúne-se amanhã, extraordinariamente, a assemblea geral, para eleição de cargos vagos.

Terraço Bragança

Hoje nova noite de animadas diversões na Feira de São João, instalada naquele Terraço, na rua António Maria Cardoso. Vendem-se novamente os apreciados doces regionais, as saborosas frutas dentro de engracões cestinhos, etc.

A entrada, com direito a baile, custa 1\$00, revertendo o produto desta interessante festa para o coírte de beneficência da Caixa de Solidariedade do Pessoal dos Armazens Grandela.

PST!

Se quiser passar uma noite agradável vá hoje ou mais surpreendente e fantástico "vaudeville" actualmente em cena

O DR. DA MULA RUCA
NO TEATRO
AVENIDA

Revolvendo o passado das tradições religiosas

Evoca-se um litígio entre os frades e as freiras de Amarante

Nunca dos cartórios da comarca de Amarante existe ainda o seguinte pitoresco acordo sobre um litígio havido entre as freiras e os frades de Amarante em 1793. O acordo foi proferido pela relação do Porto e passamos a reproduzi-lo, sem a menor modificação:

"Acordão em Relação, vistos os autos, etc., etc.—As autoras D. Abadia Discreta e mais Religiosas do Real Convento de Santa Clara de Amarante mostrão ter um cano seu próprio por onde despejão todos os seus consócios e amigos do extinto, bem como representantes no funeral que se realizou hoje, pelas 16 horas, da sua residência, rua Machado de Castro, 19.º r/c., para o cemiterio do Alto de São João, sendo o acompanhamento a pé.

O comité administrativo do Sindicato Náutico da comarca da Batalha tem o seu dever de comunicar ao funcionário o alegamento do seu prestimoso consócio e mandar acréscimo das suas reivindicações. Sebastião Eugénio, convidando por este meio todos os seus consócios e amigos do extinto, bem como representantes no funeral que se realizou hoje, pelas 16 horas, da sua residência, rua Machado de Castro, 19.º r/c., para o cemiterio do Alto de São João, sendo o acompanhamento a pé.

Ocorrências diversas

Vindo da Serra da Estrela, seguiu hon-

SEBASTIÃO EUGÉNIO Faleceu

A comissão administrativa do Sindicato Náutico da comarca da Batalha tem o seu dever de comunicar ao funcionário o alegamento do seu prestimoso consócio e mandar acréscimo das suas reivindicações. Sebastião Eugénio, convidando por este meio todos os seus consócios e amigos do extinto, bem como representantes no funeral que se realizou hoje, pelas 16 horas, da sua residência, rua Machado de Castro, 19.º r/c., para o cemiterio do Alto de São João, sendo o acompanhamento a pé.

Ocorrências diversas

Vindo da Serra da Estrela, seguiu hon-

lamente da Serra da Estrela, segui

AGENDA

CALENDARIO DE JUNHO

D.	6	13	20	27	HOJE O SOL
S.	7	14	21	28	Aparece às 5,12
T.	8	15	22	29	Desaparece às 20,5
Q.	9	16	23	30	FASES DA LUA
Q.	10	17	24	L. C. dia 27 às 21,49	
S.	11	18	25	Q. M. * 5 * 3,15	
S.	12	19	26	L. N. * 11 * 22,55	
				Q. C. * 19 * 17,48	

MARES DE HOJE

Praiamar às 1,32 e às 1,54
Baixamar às 7,02 e às 7,24

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	94\$75	
Madrid cheque	3\$19	
Paris, cheque...	\$56	
Suiça, ...	2\$78	
Bruxelas cheque	\$56	
New-York, ...	19\$55	
Amsterdão, ...	7\$85	
Itália, cheque...	\$71	
Brasil, ...	3\$10	
Praga, ...	\$58	
Suecia, cheque...	5\$25	
Austria, cheque	2\$77	
Berlim,	4\$66	

ESPECTÁCULOS

TEATROS
São bals.—A's 21,15—O Homem das 5 Horas.
Expo Séco...
Apela.—A's 21,45—O Santo António.Espanha.—A's 21,15—O Dr. da Muña Ruçan.
Salão São...—A's 21...—Variedades.

Clemente (Il Vicente (4 Grac) —Espectáculos às 3,45

2,45 sábados e domingos com matinées.

Enredo porque—todas as noites. Concertos : di-

veradas.

CINEMAS

Tivoli — Olympia—Central—Condes—Chiado Te-

ratre—Ideal—Arco Bandeira—Promotora—Esperança

—Torre—Cine Paris.

LIMAS NACIONAIS

Só a grande indústria de prensa de Limas
que produz a maior parte das Limas
que se vendem em Portugal.
Marcas registradas pressa de Limas
União Tome Poder, Lda., rivalizando com
a qualidade das melhores Limas do Mundo.
Exponencial, Lda., que produz Limas
de ferro e de bronze, que
concorrem à vanguarda dos países mais avançados
do mundo.

Menstruação

Aparece rapidamente seja qual
for a causa tomado o

FERREOL

Não prejudica a saúde. Caixa 150\$00.

Envia-se pelo correio à cobrança.

FARMACIA CUNHA

R. da Escola Politécnica 16 e 18

LISBOA

Companhia dos Caminhos
de Ferro PortuguesesServiço combinado com a Compa-
nhia dos Caminhos de Ferro de Madrid
e Zaragoza e a Alicante.Combóio especial com 1.ª e 2.ª classes de
Lisboa-R a Badajoz e volta por motivo das
touradas em Junho de 1926, ida dia 24:
volta dia 25.

HORÁRIO DOS COMBÓIOS

Ida—Dia 24—Estações—Lisboa Rocio, P.
7,40; Vila Franca, 8,27; Azambuja, 8,47;
Santa Cruz, 9,19; Entroncamento, C. 9,50;
P. 10,15; Praia, 10,33; Abrantes, 10,57; Ponte
de Sôr, 11,42; Torre das Vargens, 12,00;
Crato, 12,49; Portalegre, 13,18; Elvas, 14,31;
Badajoz, C. 14,53.Volta—Dia 25—Estações—Badajoz, P.
23,20; Elvas, C. 23,42; Portalegre, 1,17; Crato,
1,39; Torre das Vargens, 2,19; Ponte de
Sôr, 2,41; Abrantes, 3,17; Tramagal, 3,32;
Praia, 3,46; Entroncamento, 4,04; Santarém,
4,43; Azambuja, 5,15; Vila Franca, 5,38;
Lisboa Rossio, 6,30.Para este combóio são válidos os bilhetes
especiais de ida e volta a preços redu-
zidos indicados no cartaz E. 1.268 de 17 de
outubro.O número de lugares deste combóio é
limitado.Lisboa, 21 de Junho de 1926.—O Direc-
tor Geral da Companhia, Ferreira de Mes-
sias.Entre outras bombas de efeito, o astuto gascão
disse a estes notáveis, com fingida deferência:— Convoquei-vos para receber os vossos conselhos,
para os seguir, para me entregar a vossa tutela. Pa-
rece-me que não têm semelhante desejo os reis em
geral, os tiranos nem os conquistadores.Nobres e comovedoras palavras!... Vamos agora
a avaliar-lhes a sinceridade... É lícito duvidar dela,
porque, numa ocasião em que Gabriella d'Estrées lhe
dizia, por brincadeira, «que ele já não tinha idade para
ter tutores», ele replicou-lhe:— Hein! que é lá...? Eu quero ter tutores...
mas... hei-de trazer sempre a espada à cintil...!A enormidade dos impostos e a prodigalidade do
bearnez eram tais que, a pesar de escolhidos e nomea-
dos quase exclusivamente por ele, os notáveis reclama-
ram consideráveis economias nas despesas, e propo-
nham vários meios de realizar estas reduções; entre
estes meios, uns eram excelentes, e dum resultado
seguro, e outros impraticáveis.Sully, não menos absoluto em matéria financeira
do que o rei no que dizia respeito ao seu poder, acon-
selhou este príncipe a que encarregasse os notáveis de
redigir os editos referentes às reformas, esperando
assim que eles se deixassem das suas veleidades refor-
madoras.Para que esta assemblea pudesse desempenhar-se
bem desta sua árdua tarefa, era preciso que lhe for-
necesse alguém uma infinitade de informações, de
algarismos, e uma conta da receita e despesa, que
Sully, por meio de mil evasivas, se esquivou sempre
a dar. O que resultou disso?... Que os notáveis, can-
sados pela má vontade do ministro, impedidos de
prosseguir no seu trabalho, renunciaram à ideia de di-
minuir os impostos.Esta boa gente, escreve Sully, ao despedir-se do
rei, pediu-lhe humildemente que a dispensasse daquela
tarefa, que reunisse todos os rendimentos do Estado
e dispusesse de tudo em conformidade com os ditames
da equidade, inteligência e justiça que eram habituais

Livros em espanhol

A venda na administração
de A BATALHA

D.	6	13	20	27	HOJE O SOL
S.	7	14	21	28	Aparece às 5,12
T.	8	15	22	29	Desaparece às 20,5
Q.	9	16	23	30	FASES DA LUA
Q.	10	17	24	L. C. dia 27 às 21,49	
S.	11	18	25	Q. M. * 5 * 3,15	
S.	12	19	26	L. N. * 11 * 22,55	
				Q. C. * 19 * 17,48	

MARES DE HOJE

Praiamar às 1,32 e às 1,54
Baixamar às 7,02 e às 7,24

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	94\$75	
Madrid cheque	3\$19	
Paris, cheque...	\$56	
Suiça, ...	2\$78	
Bruxelas cheque	\$56	
New-York, ...	19\$55	
Amsterdão, ...	7\$85	
Itália, cheque...	\$71	
Brasil, ...	3\$10	
Praga, ...	\$58	
Suecia, cheque...	5\$25	
Austria, cheque	2\$77	
Berlim,	4\$66	

ESPECTÁCULOS

TEATROS
São bals.—A's 21,15—O Homem das 5 Horas.
Expo Séco...
Apela.—A's 21,45—O Santo António.Espanha.—A's 21,15—O Dr. da Muña Ruçan.
Salão São...—A's 21...—Variedades.

Clemente (Il Vicente (4 Grac) —Espectáculos às 3,45

2,45 sábados e domingos com matinées.

Enredo porque—todas as noites. Concertos : di-

veradas.

CINEMAS

Tivoli — Olympia—Central—Condes—Chiado Te-

ratre—Ideal—Arco Bandeira—Promotora—Esperança

—Torre—Cine Paris.

NAO SOFRAM MAIS!



= Usen HERPETOL para as

= doenças da pele (=

Usam gozo destes medicamento acalmam o
fazem por completo desaparecer a comichãoO HERPETOL é na realidade o primeiro
medicamento descoberto para as doenças da pele,como: ECZEMAS, MANCHAS, BRU-
FOES, ESPINHAS, CRO., etc., ARDÉ-
CIA, etc., e MARCHAS DE INSECTOS.Instante depois da aplicação, o pachecão
vê com regozijo sintomas de restabelecimento.A CURA É CERTA, em muitos casos um
só frasco e o suficiente para uma cura. Se sofre,
compre sem demora esta especialidade que se
vende nas principais farmácias.

DEPOSITOS:

LISBOA, R. DA PRATA, 237, I.

História Universal del
Proletariado

= Veinte siglos de opresión capitalista.

Este publicação em língua espanhola que se encontra à venda na nossa administração, é o relato histórico, documentadíssimo e detalhado das lutas originadas pela desigualdade social que, sob formas diversas e variados sistemas, perdura desde os primeiros altos da civilização.

Cada fascículo de 48 páginas, 1\$00; pelo correio, registado, 1\$00.

Estão publicados os seguintes fascículos:

1.—La era de la esclavitud;

2.—La rebelión de Espartaco;

3.—Abolicion de la esclavitud;

4.—Abeycción y servidumbre;

5.—La resolución de los siervos;

6.—Transformacion del Poder Feudal;

7.—El comunismo cristiano;

8.—Los miserables en la Edad Média.

Medicina, coração e pulmões—Dr. Armando Nar-
ciso, 2\$00 horas.

Cirurgia, operações—Dr. Bernardo Vilas—4 horas.

Rins, vias urinárias—Dr. Miguel Magalhães—10
horas.Pele e sifilis—Dr. Correia Figueiredo—11 e às
5 horas.Doenças nervosas, electroterapia—Dr. R. Loff-
2 horas.

Doenças dos olhos—Dr. Mário de Matos—2 horas.

Tratamento de diabetes—Dr. Ernesto Rome

A BATALHA

Ontem realizaram-se as festas costumadas em véspera de São João — e mais nada...

Influência da educação na vida psicológica do homem

A vida social tem imposto a disciplina racional ou lógica à inteligência, e a disciplina racional ou moral às vontades, precisamente porque o interesse superior de todos e de cada um exige a conservação da máxima confiança na palavra e na confidência dos homens entre si.

Duprat.—A educação da Vontade.

O fim primordial da educação é ensinar o indivíduo a saber vencer-se a si próprio; é preciso educar-lhe a vontade de molde a vencer todos os vícios que, atávicamente, possam nela sobreviver.

Uma das muitas objecções que opõem, por vezes, à liberdade, é a afirmação de que o homem não é livre, pois que, quando não julga obedecer senão à sua vontade, obedece, fatalmente e únicamente, à influência da razão ou da paixão.

Mas isto seria a negação total da vontade. E a vontade existe, temos conhecimento dela, em todos os seus efeitos; o «eu querer» não é uma simples abstracção.

Afirmou o moralista Payot, e muito bem, que só é livre quem não é escravo do seu corpo e das suas paixões. Educar, portanto, é a forma mais eficaz de tornar o homem livre, não apenas livre política ou socialmente falando, mas livre no sentido de liberto dos seus próprios defeitos.

Vimos já, no capítulo I, que no instinto, no hábito e na vontade é que encontramos a origem de todos os actos que praticamos. Se pensássemos, como Schopenhauer, que o entendimento é o humilho servo da vontade; que a única função desta é querer ou não querer; que a vontade nos animais é tão perfeita e tão resoluta como no homem; que a criminalidade é tão inata que impossível é modificar a constituição do criminoso, se pensássemos como Schopenhauer para quem o carácter é imutável e para quem «os actos de um indivíduo se podem prever, segundo o seu carácter, tal como se pode prever o eclipse de um astro segundo os movimentos destes e a relação destes movimentos com os dos outros astros...» se pensássemos como Schopenhauer... não estaria aqui a macar-vos...

Mas tal teoria é inteiramente falsa! A personalidade do indivíduo, que é a forma mais perfeita da individualidade psíquica, é constituída por um sem número de fenómenos, que podemos, todavia, agrupar em duas ordens, não justapostas, mas que vivem numa dependência reciproca: a parte determinante e a parte determinável; aquela, subjetiva, dá-nos a forma; esta, objectiva, dá-nos o sujeito, aquela surge quando o homem reflete, esta procede da própria individualidade. Ambas se modificam com a educação, e ambas devem ser formadas simultaneamente, para que entre estes dois elementos não surjam as grandes lutas dos dois quereres.

Quem se proponha educar um indivíduo tem de educar-lhe as suas facultades, tanto as apetitivas como as cognoscitivas, devendo, para isso, cunhá-lo, principalmente, a vida dos antepassados do educando. A cada uma das facultades apetitivas correspondem duas ordens cognoscitivas. Mas no presente capítulo apenas nos importa conhecer do apetite racional, ou seja da Vontade, cuja facultade cognoscitiva correspondente é o conhecimento intelectual, que muito importa e interessa à vida objectiva da personalidade, isto é, à formação do carácter.

O carácter do indivíduo anda profunda e estreitamente ligado à evolução dos seus estados afectivos. Portanto, toda a educação que vise criar, suprimir, alterar, artificialmente, por sugestão, palavras ou insinuações os estados afectivos do indivíduo, é uma educação falsa e perniciosa. Não se deve provocar o aparecimento de sentimentos artificiais que não sejam conformes ao carácter do indivíduo; os sentimentos e as decisões voluntárias modificam-se por intermédio de uma ação directamente exercida sobre a pessoa, desenvolvendo e completando-lhe o carácter, mas sempre em conformidade com este. Não é arbitrariamente que se juntam ou separam certos sentimentos, desejos ou emoções; o carácter é que os chama ou os exclui.

Na formação do carácter de uma criança temos de lançar mão, constantemente, dos conhecimentos que a fisiologia e a psicologia nos fornecem. Não podemos educar uma criança sem a conhecermos primeiro; ao mesmo tempo que devemos conhecer, tanto quanto possível, a vida dos seus maiores, temos de observar o educando no interesse que tem pelos objectos que o cercam, nas tendências que manifesta, na actividade que mostra nos seus actos, na demonstração da sua força e da sua agilidade.

Todas estas tendências e demonstrações orientam o educador na sua árdua tarefa. O carácter, porque não é uma cousa inata, não é o mesmo em todos os indivíduos. Em parte é determinado pelas hereditariidades psico-fisiológicas, em parte pela hereditariidade social constituída pelos costumes e tradições, em parte pelos hábitos que vamos contraindo; mas não pára nunca e evoluciona sempre, tal como a personalidade humana. Estas influências, porém, não constituem uma característica pessoal, apenas significam uma predisposição do temperamento do indivíduo.

As primeiras tendências hereditárias manifestadas pelo indivíduo são apenas o eixo da evolução pessoal a que o educador deve prestar o melhor das suas atenções.

Não esqueçamos que o carácter do indivíduo nunca pára, está sempre evoluindo; depende, por isso, de muitas circunstâncias, mormores das perturbações orgânicas e das inovações pessoais e imprevisíveis.

A formação do carácter deve visar, de uma maneira geral, a solidez e desenvolvimento das aptidões necessárias às tendências, por mais complexas que sejam. Há no entanto, princípios fundamentais a que se deve obedecer. Destes, um dos primeiros consiste em conservar e manter a amizade que a criança, por interesse, tem pelos seus pais e irmãos, de quem depende, e fazer brotar nela o amor pelos semelhantes, com os sentimentos do altruísmo e da abnegação. Uma educação intelligentemente feita deve ser orientada de molde a fazer sentir ao educando a maior soma de liberdade possível, mostrando-se-lhe ao mesmo tempo o sem número de responsabilidades que os nossos actos acarretam sobre nós próprios.

Como foi recebida pela imprensa a censura aos jornais

Do Diário de Lisboa:

«Um dia de tréguas. Os jornais ainda hoje podem ter opinião. Mas de amanhã em diante têm que pensar pela cabeça dos outros. A pena do jornalista ficará, assim, reduzida a um objecto inofensivo de escrever à rasca. Não nos pregunte o leitor o que pensamos de certa atitude ou de certa medida governamental—porque não temos o direito de pensar. O jornal mais bem informado, daqui para o futuro, será o *Diário do Governo*.

A censura não se limita a cortar notícias sem fundamento. Vai mais longe. Cortará, sem dô nem piedade, todas as notícias que desagravem ao governo.

Assim o declarou o sr. coronel Prata Dias, num reunião de jornalistas convocada para ontem. Pessoia amável, o chefe da censura acrescentou que não queria de modo algum causar o mais pequeno prejuízo material aos jornais.

Quanto ao prejuízo moral—não é com ele, é com as pessoas que ainda ontem se manifestavam tão calorosamente pela liberdade de imprensa...»

Do Diário da Tarde:

A censura, nestes termos exercida—repara o governo—é apenas uma medida proibitiva à publicação e circulação dos jornais e mais do que nunca, em casos tais, se tornará a terrível arma de dois gumes que sempre foi. Nem pode compreender-se que esta medida só agora surja e da maneira por que surge, sendo certo que o governo se diz senhor da situação, dispor da máxima força possível e contar com o absoluto e seguro aplauso da nação. O sr. general Gomes da Costa não só repetidas vezes afirmou que não perseguiria a imprensa exercendo sobre ela qualquer espécie de coacção, mesmo a censura prévia, como até muitas vezes garantiu que à cooperação dela se devia, em grande parte, o fácil, completo e rápido triunfo do movimento militar.

Repetimos que a censura, em tais termos, não poderá executar-se ou redundar, pura e simplesmente, na afixia dos jornais, principalmente dos da tarde. Mais valia, então, que o governo estabelecesse regras concretas, dizendo aos jornais aquilo que não podem ou não devem publicar. Ficaríamos assim todos servidos e sabendo a lei em que vivemos: assegurado o princípio da ordem e salvaguardados os legítimos interesses de quem trabalha. Porque não se faz, antes, isto?

Da Tarde:

«Segundo as declarações do oficial superior que preside aos serviços da censura, esta não permitirá insultos aos ministros nem a publicação de notícias infundamentadas ou mesmo fundamentadas mas consideradas inconvenientes.

Quanto aos insultos entendemos que o direito que têm os ministros de os não quererem, deve ser o direito de todos os cidadãos. Em vez da censura, melhor fôr que se responsabilissem por eles e de modo efectivo todos os que da imprensa se aproveitam como de um instrumento de ódios pessoais os mais vivos. A Tarde não receia a censura nesse ponto.

Também a não receia quanto à publicação de notícias infundamentadas.

Em relação às notícias fundamentadas mas cuja conveniência tem de ser apreciada pelos delegados do governo, é que A Tarde tem que receiar, como naturalmente todos os jornais, com exceção dos que forem órgãos do ministério.

E em todos os casos o que A Tarde faz como um jornal republicano e independente, que sabe o que deve à sua função, é protestar contra todas as limitações à liberdade de pensamento, escrito que não está na lei.

Classes que reclamam

Pessoal da Parceria dos Vapores Lisbonenses

Foram despedidos das oficinas da Parceria dos Vapores Lisbonenses mais dezenas operários, a pretexto da crise de trabalho. Entre o referido pessoal havia grande agitação, resolvendo-se que uma comissão se vá avistar com as entidades competentes.

Qual é a criança que não gosta de brincar com a chama dumha vela? E' advertida para o petiz teima; a mãe, embora vigilante para evitar alguma perigo de maior, finge que não vê; a criança queime-se num dedo; a mãe não lhe bate, mas imediatamente lhe faz ver que aquela dor que sofreu é uma consequência natural da sua teimosia, que teria evitado aquela dor se tivesse seguido o seu conselho; que as mamás querem sempre o bem estar dos seus filhos, etc. Outro exemplo: A criança é desordenada com os seus brinquedos, deixando-os aqui e ali, permitindo que lhos tirem, ou lhos estraguem; se a mãe lhe bater por isso, mas lhe fôr dando outros que substituam aqueles, fará só mal; depois de advertida, se reincidir, não lhe deve comprar mais brinquedos, para que a criança dessa forma sinta a consequência natural da sua falta.—«Não tens brinquedos como os outros meninos», lhe diz a mãe, «porque não tiveste o devido cuidado na conservação deles?».—Se, voltando os tempos, a tiver novos brinquedos, vereis que os sabe guardar melhor, porque já experimentou a privação deles. A criança é pouco cuidadosa nos estudos, verificando que a indolência não é motivada por qualquer circunstância física ou fisiológica, e que é apenas o produto da preguiça, privar-se dos passeios, ou dos divertimentos das outras crianças em recompensa da sua aplicação. E, para que nela se não deva desenvolver o espírito da inveja, faz-se-lhe ver que é por justiça que assim se procede, porque não é justo que aquele que não trabalha o mesmo bens estar daquele que trabalha e é cuidadoso.

E quantos exemplos não poderíamos tirar à vida familiar e à vida escolar? Este sistema da disciplina natural pela experiência das reacções naturais é o que mais convém, não só porque dá à criança a noção de que é justo, mas também porque, a sensibilidade governada pela vontade, transformada pelo hábito, o qual modifica o próprio curso das leis naturais. Educar a vontade é modificar o hábito; é, em última análise, modificar o instinto; e, melhor do que em qualquer época da vida, é na infância que se educa a vontade, aproveitando-se a flexibilidade que a criança tem para os hábitos passivos e a sua força superabundante para os hábitos ativos.

(Da revista «Educação Social»).

Aurora de CASTRO

(Continua).

OS QUE MORREM Sebastião Eugénio

Alguns dados biográficos do que foi um prestimoso militante operário

Como em últimas notícias informámos ontem, a morte roubou ao movimento revolucionário operário este nosso camarada, que desde há muito vinha sofrendo dessa terrível doença, que é a tuberculose, que não sabe poupar as suas vítimas.

A vida de Sebastião Eugénio, como propagandista e homem de ideias, merece registar especial nas colunas de *A Batalha*, que nele contava um bom amigo, embora, com a frangueza que o caracterisa, algumas vezes não concordasse com a nossa orientação.

Nascido em Cacilhas, em 12 de março de 1877, filho de pais algarvios, passou a sua infância naquela localidade, numa vida cheia de privações, pois que sendo seu pai corticeiro não percebia o necessário para atender às modestas exigências da pobreza.

Em nome de um grupo de presos, escreveu José da Fonseca, relatando o regime prisional que vigorava em Lourenço Marques, o qual excede quanto se possa imaginar de mais bárbaro e inhumano. Aos que tinham a desventura de cair na cadeia, para aguardar julgamento ou para cumprir sentenças por delitos imputados, são cercados justos e humanos direitos, sem que as entidades superintendentes mostrem um pouco de justiça em face das reclamações que inúmeras vezes lhes são apresentadas. Ainda nos escreve Fonseca que todos os dias se observam actos que causam horror, de cuja descrição se dispensa o nosso correspondente, Dá-nos, porém, uma fugitiva e bem aterradora noção do regime prisional de Lourenço Marques nos primeiros meses.

Começo por explicar que aos presos é exigida a quantia de 40 escudos pela carceragem, mesmo nas celas onde outrora era gratuita, mas não lhes é fornecida a mais pequena enxerga, assim se vendem os desfíos na dura contingência de dormirem sobre uma imunda tarimba, em contacto com toda a espécie de vermes que infestam estas regiões, e que são na sua maioria os factores de graves e fúnebres enfermidades, enquanto que o corticeiro, bem como seus filhos e amigos, transformam a cadeia em hotel, onde têm bons quartos e excelentes camas, que aos presos deviam ser fornecidas, por direito de humanidade.

E' expressamente proibido aos presos lerem jornais, exceptuando os da cér, bem como livros; não é permitido o uso de tinta, caneta e papel, sendo todos obrigados a mostrar ao corticeiro quanto escrevam, ainda as cartas mais particulares, depois desses escritos serem feitos no escritório.

As visitas só são permitidas duas vezes na semana, e por espaço de quinze minutos, exclusivamente para pessoas de família, e com sentinelas à vista, privando assim a visita de qualquer amigo, pois que mesmo aquelas têm que vir munidas de uma autorização especial passada pelo sr. dr. Delegado. Serventes para recados, não aparecem, pois que andam em serviço particular do corticeiro e dar mal-estar ao corticeiro, armado para ministrar na escola o ensino religioso, esquecem-se de que esse fundamental direito não é ilimitado, antes acaba no momento em que o seu uso por parte de um homem implica o desenvolvimento natural de outros homens.

O menor dos perigos da educação religiosa é criar nos espíritos uma série de fantasmas intelectuais e de tendências emocionais cujo combate na juventude ou na idade madura importa um exaurimento profundo e um desequilíbrio nervoso muito longo.

Dr. Júlio de Matos (*Elementos de Psiquiatria*, pag. 33).

Sebastião Eugénio

que era numerosa. Assim, Sebastião Eugénio viu-se forçado a alugar os seus braços, aos 5 anos de idade, a um ganancioso industrial corticeiro, que, por 14 horas de trabalho diário, lhe dava quatro centavos, ou fossem \$24 por semana.

Começou, seguindo como que uma tradição de família—eram e continuaram sendo todos corticeiros—na rude-luta pela vida, por demonstrar desde princípio uma competência especial para os trabalhos da sua indústria.

Percorreu, ainda jovem, os principais centros industriais corticeiros do país em missão de propaganda associativa e impulsando a sua classe para a luta.

E é de se devo o fortalecimento da organização corticeira, onde os principios do comunismo libertário tiveram o seu mais forte baluarte na região portuguesa.

Sebastião Eugénio, como sucede a muitos proletários, não pode freqüentar a escola primária, mas, à sua custa e nas horas de repouso, quando já contava 17 anos de idade, aprendeu a ler, tendo como mestre e seu orientador o velho militante Manuel Fevereiro.

Também a não receia quanto à publicação de notícias infundamentadas.

Em relação às notícias fundamentadas mas cuja conveniência tem de ser apreciada pelos delegados do governo, é que A Tarde tem que receiar, como naturalmente todos os jornais, com exceção dos que forem órgãos do ministério.

Na luta política, no período agitado da propaganda republicana, em que todos tomaram parte, lá encontrou Sebastião Eugénio a sua primeira prisão no ataque à Companhia de Jesus.

Ao seu esforço se deve a criação da Federação Corticeira, de que foi secretário geral, e do seu órgão na imprensa que inspirou e orientou até há pouco.

Como delegado da sua classe tomou parte no Congresso Nacional Operário de Tomar, em 1914, e nos de Coimbra e Covilhã, como delegado dos empregados do Estado, a cuja classe presentemente pertence, e a favor da qual muito trabalhou.

Como delegado dos corticeiros à sessão magna que proclamou a greve geral de 1912, fez parte do comité, tendo sido preso, juntamente com os dois restantes membros que iam participar ao governo a terminação da greve geral, cuja vitória se deu à costa da massa trabalhadora.

O governo de Augusto de Vasconcelos, depois de transigir com a enorme solidariedade operária, atendendo e dando cumprimento às reclamações proletárias, mandou assaltar a Casa Sindical e prender as centenas de operários que ali aguardavam a terminação do grandioso movimento de Janeiro de 1912.

Conduziu Sebastião Eugénio com os seus dois camaradas do comité para o quartel dos Paulistas, foram no dia seguinte, 31 de Janeiro, esfolados por uma força da guarda de baioneta calada e ladeada por pratas da cavalaria, para o Arsenal da Marinha, atravessando a cidade pela uma hora da tarde, sob os apuros e as investidas da multidão, lidiada pelas falsas notícias que o governo espalhara de que os delegados do comité estavam mancomunados com os monárquicos, de quem teriam recebido um dos elementos necessários da autoridade.

Um carácter sábio, que se obtém seguindo as leis, as regras e o método que a psicologia e a fisiologia nos ensinam, dá ao indivíduo não só uma vontade e uma energia, motriz de sentimentos e de ideias, mas também um poder de inhibição, que faz com que o indivíduo pratique o deixa de praticar certo acto. A vontade moral do indivíduo, na expressão feliz do psicólogo Ribot, reduz-se a esta fórmula: querer é escolher para agir.

É Pois que é o carácter? Definiu-o o autor de «O Dever», Júlio Simón, como sendo o de um homem que é justo, mas também porque, a sensibilidade governada pela vontade, transformada pelo hábito, o qual modifica o próprio curso das leis naturais. Educar a vontade é modificar o hábito; é, em última análise, modificar o instinto; e, melhor do que em qualquer época da vida, é na infância que se educa a vontade, aproveitando-se a flexibilidade que a criança tem para os hábitos passivos e a sua força superabundante para os hábitos ativos.

Colaborou activamente nos jornais operários «A Obra», «A Greve», «O Corticeiro», «União», «O Sindicalista», etc.

Representou, nalguns congressos internacionais da indústria corticeira, a sua classe, demonstrando ser um profundo conhecedor das possibilidades da indústria e das suas deficiências.

Sebastião Eugénio, sempre honesto, con-